

**Não-binariedade e linguagem neutra no audiovisual: uma análise das obras
*O Filho de Chucky, They/Them, One Day at a Time e Sandman*****Non-binarity and neutral language in audiovisual media: An analysis of the works *Seed of Chucky, They/Them, One Day at a Time and Sandman***Oly da Silva Ribeiro¹Ian Lezan Salvador²Lucas Couto Correia Silva³Israel Marques Campos⁴

109

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar a representatividade da identidade de gênero não-binária na esfera do audiovisual. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica em bases de dados indexadas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, acompanhada da análise de dois filmes: *Filho de Chucky* (2004) e *They/them* (2022), e duas séries: *One Day at a Time* (2017) e *Sandman* (2022). Debruçamo-nos, para a análise, sobre conceitos como identidade de gênero e linguagem neutra - basilares para a compreensão das identidades não-binárias. As obras visuais selecionadas mostram a importância da representatividade trazida por personagens não-binárias. Além disso, destacamos, neste artigo, a relevância inserção de personagens não-binárias em séries e filmes, além da inclusão dessas pessoas no meio social através do uso da linguagem neutra.

Palavras-chave: Não-binariedade. Representatividade. Linguagem neutra.

Abstract: This article aims to address the representation of non-binary gender identity in the audiovisual sphere. To this end, a bibliographic review was conducted using indexed databases such as the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Google Scholar, alongside the

¹ Graduando em Psicologia - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. *E-mail:* olyribeiro98@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0722-372X>

² Graduando em Medicina - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. *E-mail:* ianlezansalvador@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8318-9085>

³ Graduando em Língua Inglesa - Universidade do Estado da Bahia. *E-mail:* lucascoutocs@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5162-1295>

⁴ Pesquisador em Pós-Doutorado - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutor em Educação - Universidade Federal da Bahia. *E-mail:* isracamposedh@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8514-8108>

Recebido em 14/06/2025

Aprovado em: 30/07/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



analysis of two films *Seed of Chucky* (2004) and *They/Them* (2022) and two series *One Day at a Time* (2017) and *Sandman* (2022). The analysis is grounded in key concepts such as gender identity and gender-neutral language, which are essential for understanding non-binary identities. The selected audiovisual works illustrate the significance of representing non-binary characters. Furthermore, this article emphasizes not only the presence of non-binary characters in films and series but also the role of gender-neutral language in promoting the inclusion of non-binary individuals in society.

Keywords: Non-binarity. Representativeness. Neutral language.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar a representatividade da identidade de gênero não-binária na esfera do audiovisual, isto é, em filmes e séries. Dentre elas dois filmes: *O Filho de Chucky*, *They/them* e duas séries: *One Day at a Time* e *Sandman*. Para isso, nos lançamos à análise de como são construídas as representações de personagens não-binários, discutindo os conceitos de identidade de gênero e linguagem neutra.

A partir disso, estimados leitores, gostaríamos de firmar um acordo com vocês. Informamos que este artigo, (feito de pessoas trans e não-binários e para pessoas trans-não-binárias) utilizará da neolinguagem neutra como artifício linguístico e pragmático.

A identidade de gênero diz respeito à forma como cada pessoa sente que ela é, ou se auto percebe, em relação ao gênero masculino e feminino. Nesse âmbito, as pessoas podem se reconhecer como cisgêneras, identificando-se com o gênero igual ao sexo designado no nascimento, ou transgêneras, identificando-se com um gênero diferente do sexo designado no nascimento. Nem todas as pessoas se enquadram na noção binária de homem/mulher, como no caso de pessoas agênero e queer, por exemplo (Brasil, 2018). Em relação à não-binariedade, estas constituem-se identidades que fogem do padrão binário de gênero, ou seja, exclusivamente homem ou mulher, podendo ser gênero neutro, bigênero, entre outras, constituindo, pois, “um termo guarda-chuva que abrange as identidades que estão além do binário de gênero, homem e mulher, podendo ser a ausência, a fluidez ou a ambiguidade/multiplicidade de gêneros” (LIMA, 2020, p. 170).

A linguagem neutra, ou as também chamadas de linguagens não binárias ou neo linguagens, são formas baseadas em modificações na flexão de gênero de algumas palavras na tentativa de conferir à língua uma manifestação mais inclusiva, representando mulheres, homens e pessoas que não se identificam dentro desse espectro binário e cisnormativo de gênero (PAYNO, 2021). É interessante notar que a emergência da linguagem neutra está envolta em diversas controvérsias, evidenciando que a língua “sempre entretém alguma relação com os

espaços políticos, com territórios e com a vida material das diferentes sociedades históricas” (Barbosa Filho, 2023, p. 143)

Entre as oposições ao uso da linguagem neutra encontram-se diversos projetos de lei (PL): PL 5.248/2020, PL 5.198/2020, PL 211/2021. Esses projetos têm em comum, para além de serem “propostos por parlamentares reconhecidamente conservadores” (Barbosa Filho, 2023, p.148), o objetivo de barrar formas linguísticas utilizadas por uma minoria.

Se por um lado projetos de lei tentaram barrar a linguagem neutra, por outro, foram publicados, no movimento LGBTQIAPN+, especialmente por pessoas não-binárias, manuais, como o Guia para a “linguagem neutra”, de Ophelia Cassiano, publicado em 2019 e o Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa, de Gioni Caê Almeida, de 2020, cujo objetivo é esclarecer e disseminar informações sobre a linguagem neutra.

Em Almeida (2020), encontramos uma descrição dos quatro sistemas de pronomes: elu, ile, ilu e el, conforme os exemplos abaixo:

(1) Elu comeu uma pizza.

O gato é delu.

(2) Ile comeu uma pizza.

O gato é dile.

(3) Ilu comeu uma pizza.

O gato é dilu.

(4) El comeu uma pizza.

O gato é del.

Ainda segundo Almeida (2020), “substituímos os artigos o/os e a/as por ê/ês ou le/les”, assim:

(4) Ê Carlos é muito esperte.

(5) Le Ariel é linde.

Em Cassiano (2019), há também um trecho destinado às desinências, em que há algumas determinações: a) Quando a palavra termina em “-a” ou “-o”, substitui a desinência por “-e (exemplo 6); b) Quando a palavra termina em “-co” no masculino e “ca” no feminino, substitui a desinência por “-que” (exemplo 7); c) Quando a palavra termina em “-go” no masculino e “-

ga” no feminino, substituí a desinência por “-gue” (exemplo 8) d) Quando a palavra termina em “-r” no masculino e “-ra” no feminino, substituí a desinência por “-re” (exemplo 9).

(6) Menino(a). → Menine

(7) Transfóbico(a). → Transfóbique

(8) Amigo(a). → Amigue

(9) Pintor(a). → Pintore

Tendo em vista a publicação desses manuais, outra questão a ser discutida é o espectro linguístico. As observações feitas por Cavalcante (2023) sustentam que as propostas de sistematização da linguagem inclusiva no português brasileiro incluem formas que esbarram na própria característica fonológica da sílaba em português e que os manuais não levam em consideração as regras ativas do sistema, mas sim regras com base na escrita.

A despeito das polêmicas envolvidas com a linguagem neutra, neste artigo não só há a utilização de concordâncias nominais com o pronome neutro, mas também uma busca pela validação da linguagem neutra. Desse modo, concordamos que reconhecer o uso da linguagem neutra como um dialeto válido é reconhecer a identidade dos indivíduos que se reconhecem como não binários (CAVALCANTE, 2023).

Para a análise empreendida neste artigo, selecionamos quatro obras audiovisuais, sendo duas séries e dois filmes, em que há personagens cuja identidade de gênero pode ser percebida como não-binária. Entre as obras selecionadas para a discussão pretendida neste artigo, está o filme *Seed of Chucky*, de Don Mancini, obra de terror e comédia, em que a análise da representatividade não-binária se concentra no personagem Glen/Glenda — filho/a/e de Chucky — cujo gênero ultrapassa a binaridade feminino-masculino. Também do gênero terror, ponderamos acerca do filme *They/Them*, de John Logan, nesta obra, focamos no personagem Jordan, que se identifica como transgênero não-binário.

Entre as séries enfocadas para a análise, está a *sitcom* de comédia *One Day at a Time*, cuja narrativa transcorre as vivências de uma família de cubanos que vive em Los Angeles e tem a presença da personagem Syd, que se apresenta como não-binário e faz o uso de linguagem neutra. Outra série na qual há uma personagem não-binário é *Sandman*, da Netflix, em que Desejo não tem um gênero definido.

2 Metodologia

Foi realizada uma revisão de literatura de artigos disponibilizados gratuitamente em português sobre os seguintes aspectos: i) não-binariedade e representatividade; ii) identidade de gênero e iii) linguagem neutra. Para isso, foram utilizadas bases de dados indexadas: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Soma-se a isso a revisão de livros pré-selecionados que tratam sobre a temática trabalhada. Assim sendo, trata-se de uma “revisão de literatura e de obras cinematográficas” (CAMPOS et al., 2024, p. 83).

Dessa forma, foi possível analisar a representatividade não-binária, por meio da análise teórica e fílmica. Destacamos, por sua vez, que há ainda poucas obras que tratam da temática estudada, resultando em uma quantidade limitada de artigos.

3 O Filho de Chucky: a não-binariedade no gênero terror-suspense

Começando a análise com o filme *Seed of Chucky* (2004) - em português, a semente/cria de Chucky - de Don Mancini. Título que foi adaptado para a língua portuguesa como “O filho de Chucky”. A primeira coisa a se trazer à tona é que o título do filme, em inglês, foi propositalmente pensado para abordar a neutralidade de gênero, já que, *seed* em inglês, significa semente numa tradução literal.

Este mesmo termo, no contexto estadunidense, é usado para referir-se a filhos e filhas (ou proles) num sentido de cria ou descendente. Desta maneira, excluindo, propositalmente, o uso das palavras *son* (filho, necessariamente no masculino) ou *daughter* (filha, necessariamente no feminino). Don Mancini, criador da obra, busca provocar reflexões acerca de temas LGBTQIAPN+ através do terror e seu humor satírico. Mancini, sendo um homem gay, incorporou essas temáticas em sua obra, utilizando o terror como uma metáfora para explorar experiências queer (RODRIGUES, 2023). O termo *queer* é utilizado para representar experiências que se situam fora das normas heterossexuais e cisgêneras, questionando estruturas institucionais de gênero e sexualidade, assim como o caráter fixo das identidades, uma posição que reconhece a fluidez e a variabilidade das vivências identitárias ao longo do tempo e dos contextos (RUSSO, 2022).

Voltando-se para a personagem Glen/Glenda, o filme aborda a temática de gênero de uma forma leve, apesar do gênero terror/horror, e com humor. O casal de bonecos assassinos, Chucky e Tiffany, ao perceberem que produziram uma cria, ficam curiosos e empolgados para dar um nome à prole. O problema é que para decidir um nome precisam saber se a criatura é masculina ou feminina. Apenas pela aparência da personagem, o casal não consegue perceber de forma precisa o gênero de sua semente. Além disso, quando o casal questiona pelo nome de

sua cria, a personagem responde que seu nome é *Shitface* - do inglês; cara de merda. Este nome foi dado pelo seu antigo dono, um ventriloquista que usava o boneco amaldiçoado como atração do seu show. Apesar de muito ofensivo, esse nome não demarca gênero, o que deixa em aberto a identidade da(o) boneca(o) da mesma forma.

Numa cena bastante cômica, o casal de bonecos tira a roupa de su descendente na expectativa de encontrar alguma pista anatômica que os ajudassem a compreender o que buscavam. Mas, por ser um boneco, a parte de plástico, em que, num humano, estariam os órgãos genitais, não havia nada. Acredita-se que nesse momento, o autor e diretor da obra, busca fazer uma crítica, na qual, o fato supracitado, faria menção a pessoas intersexo. Vale ressaltar que a intersexualidade é caracterizada por variações biológicas que não se encaixam nas definições tradicionais de sexo masculino ou feminino, abrangendo aspectos genitais, gonadais ou cromossômicos (SANTOS; ARAÚJO, 2004). Ou seja, pessoas intersexo tem características, não apenas genitais, mas também, cromossômicas, em que se nota tanto a presença do órgão sexual masculino, e podendo apresentar, também, características do órgão sexual feminino.

Dito isto, a personagem Glen/Glenda é claramente representada como alguém que passa por conflitos de identidade de gênero. Ainda mais sob pressão dos pais, visto que, o Chucky - seu pai - queria muito que o personagem se entendesse como um menino, dando-lhe o nome de Glen, enquanto Tiffany - sua mãe - queria que a personagem fosse uma menina, para dar-lhe o nome de Glenda.

No decorrer da trama, a personagem Glen/Glenda se afirma enquanto uma pessoa não-binária de gênero fluido. No filme, não são essas as palavras usadas de fato, mas Glen/Glenda mostra ter duas identidades de gênero que se alternam em concordância com seu humor. A masculina, a qual atende por Glen, tem uma personalidade violenta e sádica, assim como a dos pais. Enquanto a feminina, que atende por Glenda, é delicada, meiga e pacífica.

Apesar do filme não rotular categoricamente a identidade de gênero de Glen/Glenda, na série Chucky (2021), o boneco assassino faz amizade com um garoto que afirma ser gay. O garoto se assusta pois esperava que Chucky demonstrasse algum tipo de preconceito devido a sua sexualidade, em vez disso, o boneco assassino responde “Sabe, eu tenho um filho de gênero fluido” e “Não sou um monstro”. Frases impactantes que passam para o público de forma cômica, a ideia de que os monstros, na verdade, são as pessoas preconceituosas.

4 They/them: a não-binariedade no gênero terror-suspense

É notável como o terror e o suspense estão se apresentando ao público de forma cada vez mais crítica e trazendo à tona questões de cunho social, de maneira que o terror não é fomentado pelo sobrenatural, mas sim por pautas sociais, em que, os vilões são o racismo, a LGBTQIAPN+fobia e o machismo, por exemplo. Pode-se citar filmes como *Corra!* (2017), em que Jordan Peele provoca o horror estampando o racismo estrutural. Além de outros filmes como *O Que Ficou Para Trás* (2020), *Grave* (2016) e *Titânio* (2021), que abordam pautas sociais urgentes como migração, fome e preconceito.

Debruçando-se agora sobre *They/Them - O Acampamento* (2022), dirigido por John Logan, trata-se de um filme de terror e suspense, no qual um grupo de jovens LGBTQIAPN+ são mandados para um acampamento de conversão, numa perspectiva muito similar a realidade brasileira que balbucia sobre “cura gay” e coisas do gênero. Ê personagem principal do filme é Jordan, uma pessoa não-binária. O filme tem um teor de drama, o que pode ser gatilho para várias sensações desconfortáveis durante o filme, principalmente para quem faz parte da comunidade LGBTQIAPN+.

Ao chegarem no acampamento, esse grupo de jovens são recebidos por Owen, o dono do acampamento. É uma recepção muito amigável e “humana”, a princípio, e que mascara as atrocidades que viriam a acontecer naquele lugar. Após apresentar o local aos jovens, Owen pede que os meninos se dirijam ao alojamento masculino e as garotas para o alojamento feminino. Nesse momento Jordan, que não se identifica exclusivamente nem como homem ou mulher, protesta sem se mexer. O dono do acampamento questiona se tem algo de errado e Jordan explica sobre sua identidade de gênero, além de explicar como quer ser tratada.

Quando uma pessoa não se identifica com os padrões de gênero, ou seja, é não-binária, podemos usar os pronomes ‘elu’ ou ‘delu’. Além dos pronomes, os substantivos e os adjetivos também podem ter a vogal temática substituída. Ao falarmos de uma pessoa trans, por exemplo, em vez de falarmos ‘amiga’ ou ‘amigo’, podemos usar ‘amigue’. No lugar de ‘bonita’ ou ‘bonito’, pode-se adotar o adjetivo neutro ‘bonite’ (STURZA, 2021).

Nesse sentido, dentre os vários pronomes possíveis, Jordan se identifica como “ile”, e manifesta seu desejo de ser tratada assim, o que no decorrer do filme se mostrou um problema, pois as pessoas que trabalham no acampamento não se importam o mínimo em respeitar os pronomes dile. Pior que isso, é quando pessoas de dentro da comunidade também o fazem, e é o que acontece no filme.

Chamaremos a partir de agora todas essas formas de se tratar uma pessoa não binária de “pronomes neutros” como em “elu”, “ile” ou “ilu”. O título do filme se trata do mesmo mecanismo que utilizamos na língua portuguesa para acessar pronomes neutros. “They - (Elus) /Them - (Delus)” é a forma que a comunidade não-binária estadunidense encontrou de neutralizar o gênero. Desta forma, usam a terceira pessoa do plural para se referir a uma ou mais pessoas não-binárias. Ainda no contexto norte-americano algumas pessoas preferem o “ze” que seria uma alternativa para o “he (ele)” e o “she (ela)”, sendo o “ze” algo como “ile” ou “elu”. Disto isto o título do filme se faz compreendido e podemos dar continuidade desta análise.

Como não havia um alojamento neutro, Jordan fez um acordo com Owen e ficou no masculino e, caso não se sentisse bem lá, poderia ir para o alojamento feminino. Divididos dessa forma, os meninos deveriam fazer atividades relacionadas à masculinidade (ou ao menos o que aquelas pessoas entendiam como masculinidade), como caçar e atirar, e as garotas fariam atividades ditas femininas como cozinhar para os garotos. As atividades do acampamento são sempre binariamente divididas, o que pode ser um terror, de fato, para pessoas não-binárias que, normalmente, buscam atividades mistas, onde o gênero não seja um fator determinante.

No filme há uma violência com uma garota trans, e, mesmo que esse artigo se dedique a não-binariedade, acreditamos ser importante mencioná-la já que pessoas trans e pessoas não-binárias são ambas transgêneras e, portanto, sofrem as mesmas opressões por transgredirem as normas de gênero impostas pela sociedade. Cada um em suas peculiaridades.

Alexsandra decidiu ir para o alojamento feminino, afinal é uma garota (trans), mas não contou sobre sua transgeneridade para o Owen, falha que é usada para punir a mesma, a mandando para o alojamento masculino, após invadirem sua privacidade durante um banho noturno. Além disso, Alexsandra teve que se vestir como um homem para as atividades e passar por momentos cada vez mais perturbadores no acampamento.

A trama tem um *plot twist* interessante e peculiar. E, ao assistir a obra, ês leitores perceberão que o filme discute o papel da pessoa oprimida num local de opressão movido pela vingança. Quando pessoas oprimidas alcançam um status de poder e relevância, como esses corpos se comportam? Aparentemente, essas pessoas entendem que não se faz justiça com as próprias mãos, e compreendem o valor da vida, por terem a própria subvalorizadas por muito tempo. Esses processos criam em pessoas LGBTQIAPN+ uma empatia mais trabalhada e ampla

em vários sentidos. O que faz com que essas pessoas sintam compaixão de seus algozes, por exemplo.

O filme retrata isso e nos faz questionar, quais vinganças são válidas? Temos o direito de ferir nossos opressores? Nos sentimos bem com isso? Esses e outros questionamentos são apresentados no filme, e a reflexão sobre o tema é estimulada durante todo o longa-metragem.

5 One Day at a Time: a não-binariedade na série de comédia

A série *One Day at a Time* é uma série de comédia estadunidense elaborada por Gloria Calderon Kellet, Mike Royce. A série narra as vivências de uma família de origem cubana - composta pela avó, Lydia, pela mãe, Penélope, e seus dois filhos, Elena e Alex - nos Estados Unidos da América.

Os personagens enfocados em nossa análise são Syd, que aparece como namorado de Elena, a partir da segunda temporada, e Margaux. Primeiramente, destacamos, que Margaux aparece apenas por alguns minutos no episódio 3 da segunda temporada. Syd também não tem protagonismo na série, fazendo apenas algumas aparições na segunda e terceira temporada. Assim sendo, não há um protagonismo não-binário na série

Em segundo lugar, a série é bastante interessante quanto ao uso da linguagem neutra. Embora, muitas vezes, apareça em situações cômica - típicas de sitcom - a série consegue disseminar para o público conhecimento acerca da linguagem neutra, conforme exemplo abaixo (quadro 1):

Quadro 1 – Diálogo extraído de *One day at a time*

Original	Legenda
Elena: Anyway, this is the advocacy group I was telling you about. The Feminist Gamers of Echo Park. We've been hanging out online and this is our first meeting IRL	Elena: É o grupo de interesse do qual falei. O Gamers Feministas de Echo Park. Conversamos online, e este é o nosso primeiro encontro ao vivo."
Penelope: Welcome. What's everybody's name?	Penélope: Bem-vindos. Qual é o nome de todos?
Dani: I'm Dani. My pronouns are "she" and "her".	Dani: Sou a Dani. Pronomes "ela" e "dela".
Syd: Syd. My pronouns are "they" and "them".	Syd: Syd. Meus pronomes são "eles" e "deles".
Margaux: I'm Margaux. Pronouns "ze" and "zir".	Margaux: Sou Margaux. Pronomes "ile" e "dile".

Penelope: I'm Penelope. My thoughts are "Huh" and "What"? Seriously, what is happening?

Elena: Well, because some people are gender non-conforming, they have preferred pronouns.

Lydia: Ah, I am Lydia. Pronouns "Ly-dee-a".

Penélope: Sou a Penélope. E não estou entendendo nada. Sério, que negócio é esse?

Elena: Como algumas pessoas não se encaixam em gêneros definidos, usam outros pronomes.

Lydia: Sou a Lydia. Pronuncia-se "Ly-dí-a".

Nesse exemplo, percebemos que há uma multiplicidade de pronomes com as quais as pessoas podem se identificar, destacando-se dois pronomes, na língua inglesa, para pessoas não-binárias: “they/them” e “ze/zir”. Salientamos que, na língua inglesa,

o gênero não tem em inglês a mesma importância que tem em português, é mais simples criar uma linguagem não binária em inglês. Basta usar formas pronominais que não tenham referência genérica ou palavras que não façam referência ao sexo, mas sejam neutras em relação a ele (FIORIN, 2022, p. 10).

Destacamos que há uma incongruência nas legendas em português. Enquanto no idioma original há dois sistemas de pronomes neutros, em português brasileiro, “they/them” é traduzido como “eles/deles”, perdendo-se a característica de neutralidade. Portanto, a tradutora “optou por traduzir o pronome de forma literal e direta, provavelmente partindo do princípio de que se “they” funciona no inglês, “eles” também funcionaria no português” (SILVA, 2018, p. 48). Na realidade, nesse caso, “o que poderia ser colocado no lugar de ‘eles’ e ‘deles’ na tradução é algum dos pronomes do sistema de linguagem oral não-binária ou neutra” (SILVA, 2018, p. 48).

Outro momento da linguagem neutra é no episódio “lá fora”, da terceira temporada, em que Elena e Syd conversam com o objetivo de não se referir a Syd como “girlfriend”, ou seja, namorada. Isso porque, como pessoa não-binária, ele deseja utilizar termos de gênero neutro, isto é, “trocamos as palavras que fazem referência a homem e mulher por palavras que denotem as pessoas em geral” (FIORIN, 2022, p. 10). Na série, Syd e Elena escolhem o termo “*Syd-nificant Other*”, em referência ao nome Syd e à palavra “significant”. Portanto, há uma preocupação com os termos que marcam gênero, substituindo-se “girlfriend”. A série “One Day at a Time” é, pois, bastante pertinente quanto à temática da linguagem neutra, trazendo visibilidade para esta reivindicação do movimento de não-binário.

No mais, como as personagens não-binárias não são protagonistas na série enfocada, não há um aprofundamento em outras questões para além da linguagem. Então, nos perguntamos como se dá a vivência de Syd em outros âmbitos da vida, não é mostrada a relação da personagem com a família ou com a escola, por exemplo, também não são retratadas situações de preconceito.

6 Sandman: a tragédia de Desejo

Sandman é uma série audiovisual lançada em 2022 na Netflix, sob a supervisão de Neil Gaiman, Allan Heinberg e David S. Goyer. A produção é uma adaptação da história em quadrinhos *Sandman*, escrita por Neil Gaiman, publicada pela DC Comics durante os anos de 1989 e 1996, que totalizou 75 edições. As dezesseis primeiras contaram com desenhos dos artistas norte-americanos Sam Kieth e Mike Dringenberg, além das ilustrações de capa do britânico Dave McKean, que incluem as histórias de *Prelúdios e Noturnos* e *A Casa de Bonecas*, e foram usadas para a adaptação da primeira temporada da série da Netflix.

Sandman acompanha a história de Sonho (Tom Sturridge), ou Morpheus, uma entidade imortal que governa o mundo dos sonhos. Ele é um dos sete Perpétuos, que representam forças fundamentais do universo. A trama começa quando Sonho é capturado por um ocultista, que pretendia prender sua irmã, a Morte (Kirby Howell-Baptiste). Após escapar de sua prisão, 100 anos depois, Sonho embarca em uma missão para recuperar seus objetos mágicos perdidos que foram roubados por humanos e entidades sobrenaturais.

Entretanto, o enfoque do estudo está na personagem Desejo (Mason Alexander Park), uma dos Perpétuos e irmane mais nove de Morpheus. Embora, de fato, exista uma ambiguidade de gênero quando nos referimos aos Perpétuos na série, Desejo é abertamente associada a esta ambiguidade de gênero pelo próprio criador da série e autor das HQs (Neil Gaiman), que afirmou que Desejo usava todos os pronomes — incluindo pronomes neutros.

Desejo não é caracterizada como feminina ou masculina, mas sim como a possibilidade – e a negação – de ambos (CHICO; SILVA, 2017). Ainda que trate de forma coerente com as ideias propostas pelo autor e criador da série, visto também pela escalação de uma atore não-binária para o papel na série, no idioma original e na dublagem em português (brasileiro) observa-se a ausência do uso da neolinguagem ao se referirem a Desejo, recorrendo a termos como “você” ou evitando o uso de artigos e pronomes, como no exemplo abaixo (quadro 2):

Quadro 2 – Diálogo extraído de *Sandman*

Original	Legenda
<p>Dream: My sibling... We, of the Endless, are servants of the living, not their masters. We exist only because they know, deep in their hearts, that we exist. We do not manipulate them — if anything, they manipulate us. And you, and Despair, and even poor Delirium, would do well to remember that. Mess with me or mine, and I shall forget you are family.</p>	<p>Sonho: Desejo... Nós, dos Perpétuos, somos apenas servos dos vivos, não seus mestres. Nós existimos só porque eles sabem, lá no fundo de seus corações, que nós existimos. Nós não manipulamos os vivos — e, quando muito, são eles que nos manipulam. E você, e Desespero, e até a pobre Delírio, deveriam se lembrar disso. Volte a mexer comigo, ou com um dos meus, e eu esquecerei que você é da família.</p>

Fonte: elaboração dos autores

O uso do termo “siblings” por Sonho constitui o principal recurso de linguagem neutra empregado na série *Sandman*, sendo utilizado especificamente para se referir à personagem Desejo. Trata-se do primeiro e também único uso explícito de linguagem neutra no áudio original da produção. Ainda que a legenda oficial em português do Brasil recorra ao termo “minhe irmane”, a dublagem brasileira optou por adaptar “siblings” para Desejo, o que revela uma certa inconsistência em relação à fidelidade com o conteúdo original. Vale destacar, ainda, que o audiobook de *Sandman* utiliza a neolinguagem de maneira recorrente como estratégia narrativa para representar a identidade não binária de Desejo.

E no que tange à representação de antagonistas em *Sandman*, destacam-se duas figuras centrais: e já citade Desejo e o Coríntio. Desejo manifesta uma oposição direta a Sonho, motivade pelo desprezo à sua postura rígida e solene, articulando planos para desestabilizá-lo dentro da hierarquia dos Perpétuos. Já o Coríntio (Boyd Holbrook) busca romper com o controle exercido por Sonho, almejando viver livremente no mundo humano, onde promove terror e violência. Ambos os personagens assumem papéis centrais nas tramas que visam à queda de Sonho e são, simultaneamente, codificados ou identificados como figuras LGBTQIA+ na narrativa da série, levantando questões sobre a associação entre dissidências de gênero/sexualidade e posições de antagonismo.

Ponto que ficou bastante complicado é o quanto personagens LGBTQIA+ foram representados como figuras trágicas ou perversas. [...] Tem uma coisa que o Neil Gaiman já fazia no quadrinho, que a série intensificou, e ambas são problemáticas, em que o personagem LGBTQIA+ deve ser punido pela trama por representar uma imagem de perversão. Isso, às vezes, é usado de forma inconsciente [...], mas o fato é que Sandman repete isso. (LINCK, 2022)

A representação de personagens LGBTQIA+ especialmente nas animações dos estúdios Disney, contribuiu para a consolidação de certos estereótipos associados à figura queer. Personagens como Scar (*Rei Leão*), Ursula (*Pequena Sereia*) ou Cruella De Vil (*101 Dálmatas*), embora não sejam personagens assumidamente LGBTQIA+, evocam estereótipos visuais que os aproximam de representações codificadas como queer. Tais características são mobilizadas de forma a reforçar a marginalização desses personagens, que frequentemente ocupam papéis de vilania.

Morin (2011) explica que o exagero nas características das personagens se repete em diversas produções da cultura de massas e cinematográficas. Essas narrativas tendem ao maniqueísmo e valorizam a ideia de bem e mal de forma bastante distante e polarizada. A fim de acentuar os traços simpáticos dos heróis, de forma a aumentar a participação efetiva do espectador na história, necessariamente cria-se um sentimento de repulsa pelas figuras vilanescas. (CAVALCANTI e SILVA, 2019)

Existe esta questão recorrente sobre como personagens LGBTQIA+ são retratados em narrativas mainstream: muitas vezes, eles são ligados à vilania ou à desestabilização da ordem. Tanto Desejo quanto o Coríntio, além de outros personagens que representam os aspectos de tragédia na narrativa, trazem elementos queer. Essa ligação entre dissidência e perversidade reflete uma tradição narrativa que, ao longo da história, marginaliza estes grupos, apresentando-os como ameaças morais. E embora a série faça avanços sociais ao escalar atores dissidentes e trazer à tona debates sobre identidade, ela também acaba, mesmo que de maneira sutil e inconsciente, reproduzindo a lógica punitiva que caracteriza a trajetória de personagens LGBTQIA+ como figuras destinadas à exclusão.

7 Considerações Finais

Após análise, é necessário enfatizar a importância da representação não-binária e do papel da linguagem neutra nas mídias. O fato de haver personagens não-binárias em séries, filmes (e livros) é fundamental para que haja processos de identificação do público para com a obra. De maneira que as pessoas que as consomem se questionem quanto a própria identidade e achem papéis de referência de como é ser não-binária, e como incluir essas pessoas no meio social através do uso da linguagem neutra. Por se tratar de uma neo linguagem, a linguagem neutra ainda está sendo construída, e, como elucidado por Saussure (SAUSSURE, 1916) a língua é um organismo vivo que muda e evolui a todo tempo. Desta forma é importante compreender que apesar de já existirem algumas estruturas já consolidadas pela linguagem

neutra, ressalta-se aqui o papel ativo do falante, e sua autonomia na escolha de quais termos se sente mais confortável de usar (e como usar) para referir a si mesmo.

Além disso, é necessário destacar a importância, do engajamento de artistas e produtores da mídia, nas pautas atuais, bem como a não-binariedade e a linguagem neutra. É preciso que essas pessoas se capacitem e estudem acerca desses temas, para que suas obras alcancem intimamente mais pessoas, as comovam e lhes “prendam” a obra, já que o papel das mídias na sociedade contemporânea é questionar e fazer o público refletir sobre as temáticas atuais. E acima de tudo, não firam existências, que não são marginais, mas sim, marginalizadas.

E para além disso, promover a contratação de atores e atrizes não-binárias para atuarem em respectivos papéis, assim como, incentivar produtores, roteiristas e escritores não-binários a produzirem obras que contemplem todas essas facetas do espectro de gênero. Afinal, obras pensadas por pessoas não-binárias abarcam questões que perpassam essa comunidade de maneira genuína e com propriedade.

Por fim, gostaríamos de explicitar não apenas a não-binariedade e a linguagem neutra, mas também, a forma como estas são apresentadas ao público; de maneira natural. Normalizar a comunicação neutra e torná-la orgânica é de suma importância para inclusão de pessoas não-binárias no meio social, além de que, incluir estas pessoas por meio da linguagem, numa sociedade tão preconceituosa, se torna um ato de coragem e amor, palavras estas, que para a comunidade LGBTQIAPN+ são sinônimos.

Referências

ALMEIDA, G.C. **Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2020.

A PEQUENA SEREIA [DVD]. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. (83 min.), son., cor, legendado.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Projetos de lei contrários à "linguagem neutra" no Brasil. In: Fábio Ramos Barbosa Filho; Gabriel de Ávila Othero. (Org.). **Linguagem "neutra": língua e gênero em debate**. 1ed.São Paulo: Parábola, 2022, v. , p. 141-160

BRASIL. **Manual orientador sobre diversidade**. [Internet]; 2018. Disponível em: https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/dezembro/ministerio-lanca-manual-orientador-de-diversidade/copy_of_ManualLGBTDIGITAL.pdf . Acesso em: 28 nov. 2019.

CAMPOS, I; CIRINO, M. S. ; MELO, A. C. M. ; NASCIMENTO, M. V. Q. ; SANTOS, C. P. A Representação da Saúde Mental do Cinema Brasileiro no Decorrer dos Anos 2000 e 2010 e sua correlação com as realidades sociais. **Revista Livre de Cinema**, v. 11, p. 81-101, 2024

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

CALVACANTI, J. L. L.; SILVA, D. L. Sem Final Feliz: Sexualidades Desviantes e os Vilões da Disney. Rio de Janeiro: **Iniciacom**, 2019.

CHICO, M. T.; SILVA, D. G. G. “DESEJO SEMPRE VIVEU NO LIMITE”: A REPRESENTAÇÃO DE DESEJO DOS PERPÉTUOS EM SANDMAN DE NEIL GAIMAN. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, 2017

CORRA!. Direção: Jordan Peele. EUA: Universal Pictures, 2017. Filme.

FIORIN, José Luiz. A questão da marcação linguística da não binariedade. **Estudos Semióticos [online]**, vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 1-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 14/06/2025.

GAIMAN, Neil. **Sandman: Prelúdios e Noturnos**. Narrado por Neil Gaiman. São Paulo: Intrínseca, 2020. Audiolivro.

GERONIMI, Clyde; LUSKE, Hamilton; REITHERMAN, Wolfgang. **101 Dálmatas**. Estados Unidos: Walt Disney Productions, 1961.

GRAVE. Direção: Julia Ducournau. França: Petit Film, 2016. Filme.

LIMA, H. T. NÃO-BINARIEDADE: UMA SAÍDA DA COLONIALIDADE DE PODER-SABER-SER E DE GÊNERO. **Revista seara Filosófica (Online)**, v. 21, p. 170-184, 2020.

LINCK, Alexandre. “SANDMAN DA NETFLIX! O MAIOR ESCULACHO QUE VOCÊ VAI VER!” Youtube, 16 de agosto de 2022. 36min05s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6jOZUY99WN0&t=1776s>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

OLIVEIRA, Samuel Gomes. A linguagem neutra e o ensino de língua portuguesa na escola. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

ONE Day At a Time. Direção: Phill Lewis. Produção: Gloria Calderon Kellett, Mike Royce, Norman Lear, Michael Garcia e Brent Miller. Act III Productions; Snowpants Productions; Big Girl Pants Productions; Small Fish Studios; Sony Pictures Television. 2017.

O QUE FICOU PARA TRÁS. Direção: Remi Weekes. Reino Unido: Netflix, 2020. Filme.

O REI LEÃO. Direção: Roger Allers e Rob Minkoff. Produção: Don Hahn. [DVD]. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1994. (89 min), son., cor, legendado.

PAYNO, M. Linguagem neutra: onde estamos? **Gama Revista - UOL**. 20/07/2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-voce-disse/linguagem-neutra-onde-estamos/>. Acesso em 10 maio 2025

RODRIGUES, Nayra. Glen ou Glenda? O que o filho de Chucky pode nos ensinar sobre identidade de gênero. **HorrorPress**, 3 out. 2023. Disponível em: <https://horrorpress.com.br/glen-ou-glenda/>. Acesso em: 10 maio 2025.

RUSSO, John; RUSSO, Melissa. A quantitative exploration of Queer-spectrum students’ experiences in introductory undergraduate mathematics courses. **International Journal of**

STEM Education, [s. l.], v. 9, n. 1, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9543621/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SANDMAN. Produção: Allan Heinberg. Los Gatos, Califórnia: Netflix, 2022

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Intersexo: o desafio da construção da identidade de gênero. **Revista da SBPH**, v. 7, n. 1, p. 17-28, 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000100003. Acesso em: 13 maio 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics**. 1916.

SILVA, Rafaela dos Santos. **A tradução de pronomes de gênero não binário e neutro na Legendagem: uma análise dos seriados Carmilla e One day at a time**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193045>.

STURZA, Eliana Rosa. “Elu”, “amigue” e “bonite”: os termos neutros como forma de inclusão. **Revista Arco**, Universidade Federal de Santa Maria, 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/pronome-neutro-inclusao>. Acesso em: 25 maio 2025.

TITÂNIO. Direção: Julia Ducournau. França: Kazak Productions, 2021. Filme.